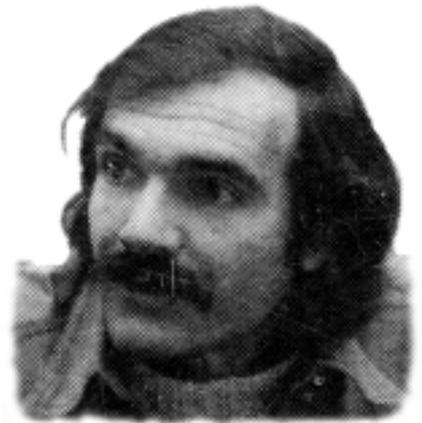


Entrevista

Uma das primeiras atividades do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP) foi promover os então denominados “cafés acadêmicos” – sessões de discussão envolvendo intelectuais de renome e docentes dessa Instituição. Um desses “cafés” reuniu os escritores José Saramago e José Luandino Vieira, com a coordenação de Maria Aparecida Santilli e Benjamin Abdala Junior, e participação de Carlos Guilherme Mota – diretor do Instituto – e de professores de várias unidades da USP. Dada a relevância da discussão ocorrida em um momento de democratização da vida universitária e também de uma maior dinamização dos relacionamentos entre os países de língua portuguesa, justifica-se a recuperação desta matéria neste número de abertura da Revista *Via Atlântica*, da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

Edição: Benjamin Abdala Junior



escritor, obra e público

José Saramago

Até há algum tempo, considerava-se, não sei se com razão ou se sem ela, que a função do escritor deveria ser escrever os livros, e os livros seriam publicados ou não, teriam efeitos ou não teriam, e a sua tarefa, por assim dizer, acabava aí. E talvez haja alguma razão, algum fundamento para que se tivesse entendido assim, embora hoje a visão que temos, geralmente, da relação entre o escritor e a sua obra e entre ele, a sua obra e os outros seja bastante diferente. Hoje pretende-se, espera-se e quase se exige que o escritor não se limite a pôr a última palavra no livro que escreveu porque, de uma certa maneira, começa aí o outro livro que é o livro do seu contato com aqueles que o querem ouvir, não por simples gosto narcísico. Gosto narcísico que eu diria que tanto está em quem fala quanto em quem ouve, pois quem ouve revê-se naquilo que ouve e naquilo que diz e naquilo que interpela, portanto este jogo também é todo ele um pouco narcísico, da nossa parte, naturalmente, como autores, mas da vossa parte também como interpelantes. A situação agora exige o contrário, exige que o autor esteja praticamente sempre em contato com a sua obra, porque a toda hora é solicitado a falar sobre ela, é solicitado a explicar-se e já não há possibilidade de fugir, com aquela frase habitual: “Não, o que eu tinha que dizer está escrito no livro e agora daí para diante não é comigo”. Não, o caso é que continua a ser. E é um modo novo de encarar, digamos, a literatura, que até agora se limitava, parece, ao texto escrito, e agora se alarga ao comentário que o autor possa fazer sobre a sua própria obra. Muitas vezes o autor é obrigado – nessa confrontação que tem de fazer com aquilo que fez, ou entender melhor aquilo que fez, não só por aquilo que lhe vem do lado de fora, como também por sua própria reflexão, que muitas coisas que saíram de um processo que, simplificadamente, poderíamos chamar inconsciente –, ele é obrigado a fazer um mergulho na sua própria consciência ou nos meios que a sua consciência lhe permite para analisar aquilo que de repente lhe é colocado diante dos olhos por um leitor ou demasiadamente ingênuo ou demasiado arguto – situações que se aproximam muito –, e de repente ele é forçado a ver-se melhor; isso acontece-

me há muito tempo, por tendência minha, por razões até de ordem ideológica, de ordem política.

Além de todas as razões literárias que se juntam, e é um exemplo deste tipo de contato, deste tipo de diálogo, deste tipo de aproximação, as vindas ao Brasil. Ora, a grande vantagem disto, além de se inserir num quadro de aproveitamento geral, que é o da reflexão sobre aquilo que se faz, tem, no caso brasileiro, o lado particular de, por essa via – pelo menos é o que tem sucedido comigo –, me ter sido possível conhecer melhor, não só a realidade brasileira, que é uma expressão um pouco vaga, e ao dizermos realidade brasileira, pelo menos da minha parte, refiro-me a um conjunto contraditório, complexo, uma rede incrivelmente complicada de situações e realidades com a qual os brasileiros se defrontam e da qual eu me limito a tomar um mínimo de conhecimento, como observador. Mas sobretudo numa verificação que eu tenho feito, do extraordinário interesse que tem merecido, nas universidades brasileiras, o estudo da literatura portuguesa.

José Luandino Vieira Parto, de início, das afirmações de Saramago, sobre a nova relação entre o escritor e a obra, que o obriga a não considerar a obra terminada mesmo depois de editada, reeditada, assinada, autografada, criticada; tem que se manter esse novo vínculo, que é de falarmos do que fizemos e do que pretendíamos fazer quando fizemos o que fizemos, e do que não pretendíamos fazer naquilo que está lá bem expresso que fizemos. É uma situação um pouco difícil, para nós escritores angolanos, não apenas no sentido coletivo nosso, mas também no sentido pessoal, porque os escritores angolanos tiveram muito pouco tempo para refletir sobre seu próprio trabalho. É uma literatura que teve uma determinação muito prática, muito imediata, de urgência e, muito embora o fundo dessa imediaticidade tenha desaparecido – a parte mais fundamental, que era obtermos a liberdade do nosso país –, isso passou logo para outro nível e hoje os escritores continuam a não ter tempo nem para criar, muito menos para refletir um pouco mais profundamente, não na solidão, no ensimesmamento, mas sobretudo para refletir em conjunto com outros escritores e com todos os outros interessados na produção literária. De maneira que é uma dupla, tripla alegria estar aqui e poder

ter esta oportunidade de dialogar convosco. Sobretudo porque na publicação que me foi entregue à entrada, eu a abri casualmente e a primeira palavra que me saltou à vista foi “interdisciplinaridade” – uma palavra que agora também em Luanda está muito em voga, naquele pequenino grupo que são nossos universitários (...).

Os escritores, e eu, pessoalmente, em muito maior grau, não temos tido ocasião de nos retermos, que é o que sucede quando temos que enfrentar o leitor e nos enfrentarmos a nós próprios com a obra e com a leitura da obra que o leitor faz. Como escritor – os meus livros foram escritos todos há quase vinte anos: uns trinta, outros... não sei se há algum há quarenta, talvez – estou muito distanciado dessa obra literária. Esse é o ponto que me é doloroso de confessar, mas estou realmente muito distanciado. E numa reação infantil ou pueril, como eu já me referi num outro dia, para como que matar essa distância, eu “ataco” os estudiosos dessa obra, porque estão mais perto dela que eu estou; é uma espécie de ciúme. Quer dizer, essas leituras revelam que se eu não estava distraído quando escrevi, estou distraído agora que o livro circula, e por muita consciência ou por muita dúvida que eu tenha sobre o significado da primeira, segunda, terceira, oitava, nona edição, eu ponho sempre isso – há discussões indicadoras, que têm que ser analisadas de uma maneira muito cautelosa (não significam aquilo que parecem significar à primeira vista). Eu fico sempre com um pouco de ciúme por ver que os leitores encontram – e vamos incluir os universitários nesse domínio de leitores – no livro não coisas, mas potencialidades que eu já não consigo encontrar. Eu mesmo, como leitor, estou aquém das leituras que fazem os universitários, nomeadamente brasileiros (...).

Nós temos problemas muito graves devido a algo de que não temos a mínima culpa, um dado geopolítico, nosso país está ali, não podemos mudar dali. A península ibérica ainda pode sonhar com o corte pelos Pirineus a sair para o Atlântico afora; nós, se fizéssemos isso levávamos a reboque o *apartheid*, e não é boa companhia. De maneira que temos que estar ali, e temos que viver ali, com aqueles vizinhos que, em termos de povos humanos, são os nossos melhores vizinhos. É evidente

que são bons vizinhos, são homens, como nós, mas a outro nível, nem a norte nem a sul, e talvez nem a leste, tenhamos assim vizinhos do coração; são vizinhos que nos suportam e isso condiciona toda a nossa vida, desde o cotidiano até a nossa vida política nas altas instâncias mundiais, onde a nossa voz não se faz realmente ouvir muito alto, porque a amplificação é direcional ou direcionada ou dirigida. Mas, bom, nós continuamos a gritar aí nesses aerópagos, para explicar qual é nossa situação, explicar quais são os nossos objetivos e, fundamentalmente, demonstrar que nós não queremos fazer mal a ninguém. Só queremos que nos deixem fazer a nossa vida, a nossa vida de escritores. Nós gostaríamos por exemplo, de escrever, o que é muito difícil para um escritor angolano: passar de um tipo de responsabilidades cívicas para outro tipo de responsabilidades cívicas ainda mais difíceis de suportar, porque os escritores, participando na libertação do país, na libertação de Angola, de um modo geral todos podiam ter falhado e pronto. Agora que, de qualquer modo estão ligados ao sucesso, à vitória sobre o colonialismo, a responsabilidade é maior. Quando qualquer um de nós tem condições objetivas para se afastar da vida pública e entrar na vida monástica de escritor, não é preciso que ninguém nos venha dizer, qualquer de nós se sente culpado, ficamos colocados numa posição eticamente insuportável. Ninguém diz nada, é absolutamente livre, os escritores são absolutamente livres para dizer “bom, eu não quero trabalhar mais, resolvam o seu problema como quiserem, eu não quero mais ser da Secretaria Geral, não quero mais ser do Partido, não quero mais ser Ministro, não quero ser mais das Forças Armadas, não quero mais ser empregado ou seja o que for”. Houve um escritor que teve a coragem de fazer isso: ele durante três anos bateu-se pela demissão de Vice-ministro e acabou por sair, deram-lhe a demissão e ele ficou todo feliz. Foi para casa, esteve um ano, escreveu um romance, um conto, mas depois não suportou, mesmo no fim do romance, ele já não suportava, ele já não aparecia. Ele era membro da direção da nossa União de Escritores e começou a aparecer mais irregularmente, e nós começamos a ver que ele estava entrando num processo de fechamento em casa, e depois viemos a saber que, realmente, ele

não suportava estar em casa a escrever e a trabalhar duro – porque ele trabalha oito, nove horas por dia, entre ler escrever e preparar a sua obra –, não suportava depois, quando chegava cá fora, e teve que, com base num curso desses que se fazem sempre no exílio, inscrever-se como professor de sociologia na nossa universidade. E ele voltou a florir, é novamente a pessoa que convive, que fala, que está e que continua a escrever, está terminando um outro grande romance.

Literatura, história e nação

JS

Há uma consideração errônea de intelectuais de meu país quando se afirma, em relação aos países de língua portuguesa: “Nós é que temos uma história longa, os outros têm uma história curta”, como isso em si mesmo fosse algum mérito, porque não é mérito de quem vive hoje ter uma história longa. Uma história longa é um mérito de quem a viveu antes e a fez, nós estamos apenas num momento em que a história está, mais nada, claro; e, por outro lado, o fato de termos vivido cerca de meio século sob uma ditadura opressiva, como todos sabem, evidentemente com aspectos particularmente repugnantes quanto ao controle do pensamento; mas disso também não vale a pena falar muito, porque aqui também há experiência mais do que suficiente. Mas, a verdade, é que nós tivemos quase meio século disto e, portanto, toda a gente se habituou a olhar para nós em duas gerações de sujeição, de apagamento, digamos assim, como se olha para alguma coisa invisível e que, por ser invisível, não se sabe muito bem onde é que está. Por outro lado, já há a vantagem de, não sabendo os outros onde é que nós estávamos, podíamos estar em vários lugares, e em alguns inesperados, para os outros, e talvez isso tenha acontecido. Acontece que com o vinte e cinco de abril, realmente há um, não quer dizer que Portugal se tenha subitamente, digamos, mergulhado na fonte da juventude e onde havia cabelos brancos passaram a haver cabelos pretos ou loiros (não se pode esquecer os loiros, que lá estão), e onde havia rugas, pele lisa, e onde fraqueza, força etc., não, não é isso. O que aconteceu, felizmente para nós, e provavelmente

com alguma felicidade também para quem tem de entrar em contato conosco, sobretudo agora, uma vez que é disso que falamos, na área de literatura, aconteceu que, de fato deu-se um ressurgimento, quase uma renovação, renovação que tem dois aspectos particulares que eu queria acentuar antes de me calar. É, por um lado, o aparecimento de escritores, gente nova com muita capacidade de trabalho e com muita qualidade no trabalho feito, ao contrário daquilo que sucedia antes, enfim, em que se tratava sempre de tentativas um pouco diletantes, o trabalho iria melhorando ou não conforme se iria desenvolvendo. Mas agora, por efeito também talvez de uma educação alargada, acontece que os novos escritores portugueses aparecem já, mesmo quando jovens, com muita força, com muita expressão e (...) com conhecimento direto, muito íntimo desta realidade. Por outro lado, também - isso é agradável para a minha geração, para os escritores da minha geração que puderam ou souberam renovar-se; que algumas das boas surpresas literárias, das mais sólidas, talvez venham daqueles que, embora mais velhos e tendo vivido plenamente e inteiramente todo o período do fascismo, na hora da liberdade puderam fazer todas as cambalhotas possíveis dentro de si próprios e aparecer com coisas, de certo modo, novas. E essas coisas novas - aqui queria chegar, e com isso concluo - encontraram, justamente no Brasil, um dos setores mais abertos, um dos setores mais interessados. Para nós, e portanto regressando àquilo que eu tinha dito, de uma certa invisibilidade nossa, acontece que, ao contrário, Portugal tornou-se subitamente, repentinamente visível para o Brasil, que não se limitou a olhar e quis também ouvir, e não quis só olhar e ouvir, como também trabalhou sobre aquilo que nós temos feito lá. E é uma das grandes surpresas minhas, e agora já não é porque estou com o hábito de receber teses, estudos, análises, ensaios da área universitária, alguns de uma grande argúcia, de uma grande inteligência, de uma grande capacidade de ler - e a capacidade de ler, sabemos, ao contrário do que se supõe, não é tão geral quanto se queria -, e então, cada vez que venho aqui, venho sempre com a idéia de que vou a um lugar onde me conhecem, não no sentido óbvio disto, mas onde me conhecem em níveis mais profundos e onde, portanto, o

diálogo passa a ser não sobre as aparências, mas sobre as profundidades. Então, esta é mais uma ocasião para debatermos aspectos talvez do meu trabalho; por exemplo, é uma hipótese, como é que ele se mete em tudo isto, que é também uma das minhas tnhetas, para usar uma palavra portuguesa, que não sei se tem correspondente aqui – tnheta é uma pequena mania, uma obsessão, capricho – que é de fato, e isso penso que justifica plenamente o meu último trabalho, o meu último livro, o meu último romance, que é de fato tentar ver as fronteiras não de Portugal, mas de uma cultura de língua portuguesa e não só portuguesa como também, neste caso, no que toca aos povos de Espanha, portanto ao castelhano. Ver para além das fronteiras próximas e tentar ver até onde estas fronteiras podem ser empurradas no sentido de um conhecimento maior do que aquele que temos visto até agora, que provavelmente não se tem realizado tão amplamente quanto deveria, porque há de fato interesse para que este conhecimento não se faça. Para dar um simples exemplo histórico: o Tratado de Windsor entre Portugal e Grã-Bretanha, ter como único objetivo – hoje reconhecidamente verificado e confessado até pelos próprios, embora os britânicos não seja gente de confessar seja lá o que for – cortar politicamente Portugal de Espanha, e nesse processo cortou Portugal e Espanha da Europa, justamente para a Grã-Bretanha manter o seu domínio, ou a sua influência na Europa, por afastar a Espanha do jogo europeu. Foi um trabalho de ciência política, perfeitamente maquiavélica, que deu resultados até hoje; e talvez hoje haja, comece a esboçar-se, e na Espanha também, embora menos, uma consciência de que esta situação tem que ser ultrapassada, não, por uniões ibéricas, que seriam absurdas e rejeitadas até violentamente pelas próprias populações, mas para um entendimento que nos robusteça em relação às pressões que vêm de fora, e se esse entendimento puder ser alargado a outras regiões, onde esta mesma cultura, a cultura ibérica é uma expressão demasiado generalizante, evidentemente, mas não as culturas que lá se fizeram e que foram transplantadas para outros lugares. Se esse entendimento e esse conhecimento puder ir mais longe creio que seria possível começarmos a pensar em alguma coisa que ultrapasse a nossa

limitada vida, e em termos de projeto cultural muito ambicioso, mas quem sabe, se possível dos nossos tetranetos.

JLV

Um amigo brasileiro uma vez disse-nos: “A vossa revolução é uma inconfidência mineira que deu resultado”. Quer dizer, os poetas foram para o poder, mas agora aguentem-se! De modo que este problema é muito grave, não só em termos pessoais, mas sobretudo em termos de desenvolvimento da nossa literatura. Não é assim também, estou pintando talvez o quadro com tintas muito negras, porque há um grande número, várias centenas de jovens que a si próprios se denominam amantes da literatura e que são leitores ou escritores; bom, leitores e escritores em potência e que já deram alguns nomes. Nós estamos a ficar mais tranquilos porque vemos que há já uma geração que vai receber o testemunho. O trabalho literário dessa geração não tem ainda qualquer indicador literário, qualquer indicador de qualidade literária que nos possa fazer prever como vai ser, como não vai ser, mas temos confiança de que está ali, uma outra geração para segurar novamente, segurar o testemunho e continuar a literatura angolana, que se caracteriza por ser uma literatura feita por rupturas. A geração de 1900 não passou, a de 1855 não passou à de 1900, a de 1900 levou um corte abrupto com a República e a desastrosa política colonial dos anos 20/30, não passou nada; a de 48 teve que redescobrir o mundo a partir dos novos dados depois da Segunda Guerra Mundial, e, felizmente, a geração dos anos 50 estava muito colada à essa geração de 48 e ainda recebeu um pouco de testemunho, mas a Pide introduziu um novo corte e estes jovens hoje estão a recomeçar. A nossa literatura – nós temos a ousadia de chamar aquilo uma literatura nacional – é caracterizada assim, por várias tentativas ao longo de algumas dezenas de anos para criar realmente qualquer coisa que tenha uma continuidade, uma harmonia interna, um fio condutor. Nós ultrapassamos isso, como os brasileiros costumam dizer, demos a volta por cima, inventando uma tradição de compromisso, de intervenção cívica, de intervenção na coisa pública, que é o que define a literatura angolana.

Bem, isso é um artifício para nossa tranquilidade de espírito. Ultimamente, temos feito muitos debates sobre este

assunto e temos realmente chegado à conclusão de que é necessário avaliar este problema das gerações literárias no desenvolvimento da nossa literatura nacional, para chegarmos mesmo à conclusão se teremos mesmo uma literatura nacional. O professor nos defende, dizendo que temos; nós estamos duvidando disso. O nosso problema de escritores liga-se também a uma outra área das ciências sociais, que para nós, hoje, adquire um papel importantíssimo porque se transferiu para esse domínio muito da agressividade da luta ideológica, se transferiu para o domínio da lingüística, da linguagem, das línguas. Porque o nosso país é um país plurilíngue, de línguas africanas, do grupo das línguas bantas, e o português que está lá, num estatuto ainda não muito bem definido, porque há certas contradições na sua situação e na maneira como os angolanos vêem essa presença: uns vêem como um patrimônio, outros vêem como um produto importado. Bem, portanto, logo aí começa a haver enfoques diferentes quanto ao futuro desse mesmo patrimônio. Se é patrimônio, temos que o proteger, temos que o desenvolver, temos que continuar a nacionalizá-lo, a tê-lo como nacional. Se é um produto importado, deitamos fora o invólucro e vamos procurar outro para importar, e com a certeza de que a França está disposta a fazer a exportação de qualquer coisa, como já está mostrando na Guiné Bissau. Então, essa situação é outro ponto de muita fricção, de muita luta e, também, para os escritores, de alguma dificuldade para se moverem nesse terreno em que o ideológico vem distorcer fortemente uma questão que, para muitos dos escritores, era já pacífica; era, volta a não ser. Esses são alguns dos problemas que a nós angolanos nos parecem estar na base. Podemos desenvolver uma literatura que possa ser objeto dos estudos universitários no domínio das ciências sociais. E com esta achega eu terminaria porque eu não sei continuar a falar por muito tempo desses assuntos muito sérios e prefiro que as vossas perguntas, que são sempre estimulantes, perspicazes, me obriguem a ser um pouco mais profundo e perspicaz ou a refletir sobre a minha própria realidade, que, como disse o Saramago a propósito da realidade brasileira, são várias realidades e nós nem sequer temos ainda um inventário delas, muito menos o conhecimento.

Radicalidade literária e radicalidade política

JS

Eu não creio que essas duas correntes d'água tenham, necessariamente de confluir uma vez que não faltam exemplos de um exemplar conservadorismo, em áreas político-ideológicas próximas das minhas. Então, não decorre fatalmente da postura ideológica e política uma radicalidade ou um radicalismo literário. Posta a questão assim, eu diria que não se trata tanto de introduzir o político no literário, no meu caso, como introduzir, digamos, não a história, mas o histórico; quer dizer, não o aproveitamento dos fatos da história, ou de uma interpretação razoável desses mesmos fatos, utilizando tudo isso como matéria literária, mas o de ter, sobretudo, o de querer aprofundar uma consciência histórica, uma consciência cultural (...) que se impõe, esta atitude, perante quer o meu país, quer a situação em que ele se encontra, quer a situação do meu país em relação ao mundo que o rodeia, que é de uma afirmação pessoal, não afirmação de minha própria pessoa, mas afirmação de meu país, da história dele e da cultura dele. Portanto, uma afirmação de identidade profundamente vinculada e se ela não está vinculada, procurar os traços que a definem, afastar as escórias e a poeira e o lixo, e reencontrar aquilo que somos, porque todos nós somos alguma coisa, para o bem, para o mal, para assim assim, para pouco mais ou menos, todos nós somos mais alguma coisa, e é preferível encontrar-nos com quem somos, do que manter a ilusão de que talvez possamos ser outra coisa. É mais saudável, mais salutar, é mais estimulante para uma consciência de si próprio o conhecer-se, mesmo que depois se tenha que usar algum tipo de máscara, como todos nós usamos, na nossa relação pessoal, e enfim tudo, como sabemos. O Fernando Pessoa resolveu essa questão de uma maneira exemplar, tendo consciência de que era muitos e resolveu dar um nome a cada um deles. Portanto, não se trata, como eu dizia, de introduzir o político, quer dizer, não se trata de utilizar a literatura para fazer passar a política e a ideologia. Pelo contrário, trata-se é de introduzir um homem que tem uma certa consciência de si próprio, do país a que pertence, da história, da cultura e tudo mais e que passa por uma visão do mundo, uma visão harmônica e que

para ele é pacífica, mesmo que seja de conflito com o que está à sua volta. Trata-se de meter tudo isto, naturalmente, como quem mistura café e leite e não como quem tenta juntar água e azeite – coisa que como sabemos não é possível, basta dar-lhes o tempo necessários e elas se separam, café com leite fica café com leite – então, digamos que o meu projeto literário é o do café *com* leite. É introduzir tudo numa mesma expressão, numa mesma forma, que é conteúdo e esse conteúdo será ao mesmo tempo forma.

JLV

Bem, no meu caso, o termo que o Abdala utilizou, de radical, eu aceito, evidentemente, porque sempre me vi desse modo, como um radical no sentido marxista do termo. Quer dizer, a raiz de tudo é o homem, e o fim do meu trabalho literário é, em última instância, chegar ao fundo que me seja possível. Já onde eu possa chegar com o trabalho literário, de perceber quem é o homem, não essa entidade abstrata, mas o homem angolano. Essa é, disfarçadamente, implicitamente ou explicitamente, a marca da literatura angolana atual, qualquer que seja forma por que se apresente, nem que seja simples recolta de uma história tradicional, porque o que está mais profundo em cada escritor angolano é essa tentativa de perceber quem somos, o que é isso de angolano. Agostinho Neto disse: “Nós somos!”, afirmou com ponto de exclamação, porque não poderíamos ser se não fôssemos. Quer dizer, nós não poderíamos ser angolanos, nem obter a vitória que obtivemos se realmente não fôssemos. Até essa certeza que ele pôs nesse poema, “Mussunda amigo” em que termina “Nós somos”, é uma certeza com que nós ficamos; mas ele começou a ajudar, conosco discutindo e refletindo, quem era, quem somos nós. Faleceu, não pôde continuar a reflexão em conjunto conosco, deixou-nos essa tarefa. E, pessoalmente, como escritor, desde que me recorde de escrever, foi sempre isso: “Quem sou?”, portanto, compreendo a mim mesmo através de tudo quanto escrevo, mas, sobretudo quem sou eu como angolano, e quem somos nós os angolanos. Portanto, o nosso caso é diferente do caso do Saramago, posto que ele está limpando a identidade nacional cultural portuguesa de todo o lixo, para que assumam aquilo que realmente são; no nosso caso, nós ainda

estamos tentando ver quem somos. E nesse sentido é que o meu trabalho literário é um trabalho político-literário, porque a complexidade da nossa sociedade, do nosso país... Não podemos chegar ao conhecimento dela para a criação literária ou através da criação literária sem que estejam presentes todos os enfoques, todos os posicionamentos, todos os pontos de vista, mesmo aqueles que negam, mesmo ou sobretudo aqueles que negam essa nossa identidade.

Nós queremos transformar, e portanto aí a decisão política, é transformar essa aparência, esse sonho, em realidade. É todo o trabalho dos escritores angolanos e eu não conheço nenhum que não esteja para aí virado. As dificuldades são grandes porque nós não temos, portanto a relação da literatura com a história, essa interdisciplinariedade que contribui para essa ligação do político ao literário; no nosso caso é um pouco mais difícil, porque nós temos ainda que fazer o romance histórico. Quer dizer, o Saramago defende-se muito bem de ser, de dizerem que a obra dele é o romance histórico, um memorial do concreto. Nós temos ainda que pesquisar as duas fontes fundamentais da nossa história. Por um lado, toda a documentação escrita, e em mais de 99% dela foi escrita por não-angolanos, e, por outro lado, toda a tradição cultural que ficou e que foi transmitida por via oral. Nessas duas fontes nós vamos resgatar, vamos buscar os elementos com que tentaremos perceber o que é que somos, para construirmos a nação angolana. Eu, pessoalmente, faço esse percurso e engajo-me nesse sentido, com o fim de perceber com o trabalho literário quem é o homem angolano.

Identidade individual e nacional

JS

Em todas as manifestações da arte, da pintura, da escultura, da arquitetura, quer dizer, o que se passa na minha cabeça em termos da minha relação com o meu país e, portanto, com as histórias do meu país, mesmo que não tenha nada que ver com a história dele, estão ali porque todas as ficções que eu faça, em última análise, são sempre histórias dele. História no sentido restrito, e tem que ver também - esse é o lado geral, e agora há que abordar o lado particular - com o tipo de cons-

ciência que eu formei de tudo isto. Eu rejeito todas as manifestações exteriores quer da ênfase quer da retórica, e tento conservar uma e outra na sua capacidade expressiva última que é, do meu ponto de vista, de uma espécie de tom, uma espécie de som, uma espécie de ressonância que eu quero fazer passar por aquilo que escrevo, e que seria perigosamente afetado, senão irremediavelmente comprometido, se eu entrasse na expressão visual, visível e imediatamente audível do som da pergunta, do som do que exclama e do som do que responde com intenção.

Aquilo que eu chamo de discernidade dispensa todos esses artifícios, esses truques, essa formas de chegar em linha mais direta eventualmente à compreensão do outro, e prefere tomar outros caminhos, porventura mais ocultos, em que a comunicação se faz de outro modo. Digamos, se eu pudesse escrever como sonharia, o que eu queria encontrar era provavelmente a substância primitiva das coisas, que se a viagem circular tem algum sentido, será substância última dessas mesmas coisas. Isto é um pouco apocalíptico, mas enfim eu tenho um pouco esta... Cá está, afinal sou retórico, afinal sou enfático porque sem a retórica e ênfase não há profetas nem apocalipse, digamos que eu sou um profeta do novo tipo.

recepção da obra literária

JLV

Nós temos sete milhões e meio de habitantes; realmente, devemos ter noventa por cento ou oitenta e cinco por cento de analfabetos; a cidade de Luanda tem cerca de um milhão de habitantes, e as edições de vinte mil exemplares esgotam num mês; e faz-se outra edição e esgota. Um livro como *As Aventuras de Ngunga*, já vendeu mais de 250 mil exemplares. Seria necessário um estudo muito profundo das razões deste consumo de livros, porque há televisão, há rádio, não há muitos livros à venda, mas há razões extra-literárias suficientes para explicar este fenómeno, e os escritores, penso eu, não se devem deixar enganar com essa primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta edição, no caso angolano. Uma novela como “Dona Antonia de Souza Melo e Eu” é realmente muito herméctica, no sentido de que carrega, estão nela, todos os alu-

viões culturais de que eu me fui dando conta e que fui absorvendo, quer os já sedimentados, quer os que corriam diante de mim naquela gente toda que me rodeava na situação em que estive, na prisão. E também a reflexão que eu fiz sobre a tradição literária, portanto também o que já estava nos textos escritos dos escritores angolanos, e eu fiz esta novela sob forma muito condensada e cada palavra, para além d'outros valores, tem também, tentei que tivesse esse valor, cada palavra em si obriga a uma contínua expansão dos valores culturais que ela consubstancia, foi essa a minha intenção. É uma novela carregada de referências culturais angolanas, no que nós pensamos ou eu penso ser a parte mais estável dos valores culturais angolanos. E como os estudos sobre a cultura angolana são ainda menos lidos do que as obras literárias, fatamente esta novela será pouco lida e é de difícil entendimento para os escritores angolanos, para o público angolano. O público angolano, aliás, contesta, em surdina, o meu trabalho literário. A aceitação e o esforço de leitura que se faz é muitas vezes por motivos não estritamente literários: escritor, secretário-geral, velho combatente etc. etc. etc. e, como direi, a aura que tem esse escritor angolano em nosso país. A respeito, lembro o presidente Neto que tinha o cuidado de dizer, "Aqui está o camarada Antonio Jacinto, poeta", e então a salva de palmas enchia a praça, e depois é que ele dizia "e membro do comitê central". Isto refletia a consciência, da parte de Neto, quanto à posição do escritor e também essa aura de que gozam os escritores no nosso país.

Escritor e crítica

JS

Não sou indiferente ao que se escreve sobre o meu trabalho, pelo contrário, gosto que se escreva sobre o meu trabalho, confesso assim sem pudor nenhum. Mas o que eu leio sobre o meu trabalho não altera uma vírgula no meu trabalho, não altera, não alterará. É qualquer coisa que passa ao lado, e pode passar, e está ao lado, e provavelmente estará ao lado, por duas razões: uma, por causa da minha própria virtude, é indiscutível isso. E a outra, porque talvez essa insensibilidade, essa incapacidade de aquilo que é feito sobre o meu trabalho

me impressionar, me tocar, talvez venha justamente disso, do aquilo que no fundo não tem nada que ver com o meu trabalho. Para se apreciar o meu trabalho – agora, quem diz o *meu*, diz o de a, b, c e d – era necessário que houvesse aquilo que geralmente não há, que é, por parte do estudioso, do ensaísta, do crítico, um esforço de aproximação. Não é, o tal problema de simpatia, não é que alguém tenha de adotar o ponto de vista para, supostamente, entender bem o que se passa, não é isto. É que alguém se apresenta, simultaneamente, com o cabedal máximo de informação e de aparelho técnico e analítico, se quiserem, e, ao mesmo tempo, com a grande ingenuidade que o leitor, o leitor puro e simples tem. No fundo, é talvez uma questão de humanidade. Quer dizer, esse estudo é muitas vezes, na maior parte dos casos, ou quase sempre, profundamente inumano, é alguma coisa de laboratorial. Quer dizer, enquanto que a obra que está sendo sujeita, ou que foi sujeita a um estudo, é feita de ossos, nervos, carne, sentimentos, ilusões, aflições, angústias, frutificações, de tudo aquilo que um escritor mete lá dentro, aquilo que, portanto, é mais extremo das humanidades, ainda que isto passe, enfim, por todo o jogo de alçapões que a criação comporta, aquele que vai tentar entender isso, age exatamente ao contrário, não é um ser humano que se aproxima de um ser humano, é um bisturi que se aproxima não de uma carne doente mas de uma carne viva. E é esta diferença entre a extrema humanidade da obra de criação e a profunda desumanidade do instrumento de análise que, provavelmente, faz, do meu ponto de vista, esta atitude de... Gosto muito que digam, em dada altura, no princípio, no meio ou no fim, *é bom*, coisa que certos críticos são incapazes de dizer, como nós sabemos, são capazes de dizer uma infinidade de coisas, mas esta eles nunca dirão porque, do ponto de vista deles, não interessa, porque estão tão preocupados com a materialidade do texto que não se preocupam coisa nenhuma com a materialidade daquilo que o texto está a dizer. Então, talvez seja justamente esta vida em dois planetas diferentes que faz com que de fato eu acabe de ler e diga: “Sim, sim senhor, gostei muito ou não gostei”, mas o livro que eu vou escrever ou a página que eu vou escrever a seguir é exatamente aquela que estava para ser escrita, não me modi-

ficam nada, rigorosamente nada. Agora, considero que a crítica é necessária, até para isto, para que eu diga, existe, mas, enfim, como dizia o Murilo Mendes a propósito do inferno, existe mas não funciona. E eu diria, a crítica existe mas não funciona, do meu ponto de vista.

As “macas” angolanas

JLV

Nós instituímos as chamadas “macas” – discussões que se realizam todas as quartas-feiras, há três anos, na União de Escritores. É uma atividade absolutamente informal, ninguém tem convite especial – bom, há uns convites permanentes que nós enviamos a pessoas que nós sabemos que têm interesses culturais, ficaram com estes convites há três anos –, nós fazemos um programa de discussões e em Luanda, que é a capital, que tem cerca de um milhão de habitantes, onde está a sede do governo, onde está a universidade, onde está, neste momento, devido à situação de guerra no país, está concentrado quase tudo. Nós pensamos, os escritores pensaram que era bom discutir ali na União de Escritores alguns problemas que as pessoas afluíam, falavam, mas nem havia local nem organização suficiente, instituição ou organismo que se propusessem a debater isso. A nossa idéia, para começar com esses debates, foi provocada por um jornalista norte-americano. Este jornalista esteve lá em missão de reportagem e uma das coisas que ele me disse foi: “Eu levo a conclusão de que realmente aqui, em Angola, não há um clima nem propício ao desenvolvimento intelectual e muito menos há liberdade para isso”. E eu senti-me realmente chateado e disse: “Bem, nós estamos a pecar por omissão, porque é que nós não discutimos?” Então nós partimos para isso. O doutor Eugênio Ferreira tinha estado na União de Escritores, a dizer: “Não há literatura angolana, não existe literatura angolana, enquanto os camponeses e os operários não forem alfabetizados e escreverem, e entrarem eles a escrever a literatura, não há literatura angolana, há uma literatura da camada pequeno-burguesa da população, que não reflete nem o país nem os problemas”. Ele tem já quase oitenta anos e conserva esta posição radical e é um grande provocador, no bom sentido do ter-

mo, ele é um velho marxista, de formação estalinista, como se vê, e tem estes e outros aspectos muito positivos, mas esse foi fundamental: ele deixou ali a granada, tirou a espuleta e foi embora. Então começamos pela literatura. Mas, por exemplo, no nosso país, é muito controversa, uma questão que, as pessoas perguntam, “mas, balé, em Angola, para quê? Dança clássica? Nós temos nossas danças tradicionais, o fundo cultural tradicional, para quê que se vai agora ensinar balé?” Então, esses temas, que são pelo menos objeto de controvérsia entre grupos, entre pessoas: se é preciso balé, como é que está o teatro, sei lá, a pintura, que caminhos, tudo que diz respeito à vida do espírito ficou incluído nas nossas discussões. E também temas como saúde pública, o que é o FMI, salário, preço e candonga (candonga é o mercado negro). Esta foi das macas que ... realmente, estar ali a discutir esse assunto, porque é um assunto que a própria imprensa tem um certo receio de abordar.

Discute-se tudo. Essas macas continuam até hoje, tentamos que este movimento passasse a outros organismos. A Universidade, Agostinho Neto pegou na idéia, a Faculdade de Economia, ainda planificaram três ou quatro, mas aí as macas são mesmo macas, há uma grande fricção entre as diversas formações no domínio de economia e, realmente, num país, quando, numa casa, como é que se diz em Português, quando não há pão, todos ralham e todos têm razão. Então, esse é o contributo que a União dos Escritores tem estado a dar para, pelo menos, se discutirem os problemas. Não há nenhum propósito de retirar conclusões, o único propósito é o de ouvir as pessoas, todos participarem, dialogarem, aprofundarem, contraporem idéias, e fica nisso. A nossa televisão tem gravado esse material, mas não têm, eles confessam que não têm editor à altura e para não estar a dar três horas de debate na televisão, está lá o material. Também, de início, houve um certo medo de certas pessoas, porque: “Discutir, e vocês dizem o que é que vão discutir?” É exatamente para provar que isso não existe. Eu sou MPLA há mais de trinta anos, não preciso perguntar se podemos discutir a saúde pública, se é preciso acabar com as lagoas, se é preciso tomar medidas quanto ao lixo, e pegar as estatísticas que o Ministério da Saúde apre-

senta semanalmente das doenças infecto-contagiosas, é o dever de qualquer cidadão, não é preciso mais nada. Hoje, os militantes do MPLA, que trabalham na sede do Partido, que são centenas, recebem o folhetim, *o papelinho* que indica as macas do mês e têm orientação para irem assistir, para elevar o nível cultural. E, às vezes, há posições bastante heterodoxas. Esta é uma contribuição que está ali, que não pode ser transplantada para o interior. Porque Luanda não serve de exemplo a Angola, porque Angola hoje são duas realidades, Luanda e o resto do país. E o resto do país é aquele que sofre realmente a situação político-militar. E afluem a Luanda gentes de todas as províncias, não vem mais gente porque há uma política de manter as pessoas lá nos seus lugares. Quanto ao receio expresso por uma das pessoas aqui presentes, de que, mais uma vez, agora em função dessa divisão, se vá dar uma ruptura nas gerações literárias, penso que não tem razão de existir, a situação já foi ultrapassada.

